DESENVOLVIMENTO HUMANO SOB A ÓPTICA PSICANALÍSTICA, PSICOSSOCIAL, COGNITIVA E CONTEXTUAL

Gleberson de Santana dos Santos
Mestre em Administração – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Professor Subst. na Universidade Federal de Pelotas (UFPel)
Pelotas/RS, Brasil
E-mail: glebersonsantana@hotmail.com

Marília Santos de Freitas
Graduanda em Ciências Sociais – Universidade Federal de Pelotas (UFPel)
Pelotas/RS, Brasil
E-mail: mariliafreitas12@hotmail.com

RESUMO

O ser humano tem sido alvo de diversos estudos, sob diversas perspectivas, com inúmeros enfoques e natureza, seja do ponto de vista sociológico, antropológico, fisiológico, biológico e/ou psicológico. Um desses temas é o desenvolvimento. A comunidade cientista entende, muito embora não haja consenso, de que o desenvolvimento é por caráter vitalício, depende de história e contexto social. Dessa forma, este artigo buscou discutir os estágios de desenvolvimento humano sob a óptica psicanalística, psicossocial, cognitiva e contextual, por meio da análise do desenvolvimento infantil em crianças menores de onze anos. Metodologicamente, trata-se de um estudo de caso, com abordagem qualitativa e enfoque descritivo. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas e observação. Conclui-se que o desenvolvimento apresenta concepções e abordagens distintas de acordo com cada corrente teórica. Sobre as crianças pesquisadas, notou-se que uma apresenta o desenvolvimento dentro do que é aceitável pela literatura, enquanto que outra apresenta distúrbios da fala e dificuldade de relacionamentos, o que suscita investigação e tratamento.

Palavras-chave: Desenvolvimento humano. Teoria Freudiana. Teoria Eriksoniana. Teoria Piagentina. Teoria Vygotskyana.

HUMAN DEVELOPMENT UNDER THE PSYCHOANALYTIC, PSYCHOSOCIAL, COGNITIVE AND CONTEXTUAL VIEW

ABSTRACT

The human being has been target of many researches, under several perspectives, with many focuses and natures, by the sociological, anthropological, physiological, biological or psychological points of view. One of these subjects is the development. The scientific community understands, even though there is not a consensus, that the development happens by means of a lifelong character, depending on the history and social context. Thus, this article sought to discuss the human development stages through the psychoanalyst, psychosocial, cognitive and contextual optics, making use of the analysis of child development in children under eleven years old. Methodologically, it is a case study with qualitative approach and descriptive focus. The data was gathered through semi-

structured interviews and observations. It was concluded that the development presents different concepts and approaches according to the each theoretical field. About the children researched, it was noticed that some present a development according to what is accepted by literature, while others presented speech disorders and relationship difficulties, which demands investigation and treatment.

Keywords: Human development. Freud's theory. Eriksson's teory. Piaget's theory. Vygotsky's theory.

1 INTRODUÇÃO

O ser humano tem sido alvo de diversos estudos, sob diversas perspectivas, objetivos com inúmeros enfoques e natureza, seja do ponto de vista fisiológico, biológico e/ou psicológico etc. A respeito deste, sabe-se que não tão recente as pesquisas sobre o desenvolvimento humano. Deste modo, a área do conhecimento responsável pelo estudo do humano, no que diz se refere aos aspectos físico-motor, intelectual, afetivo-emocional e social, sob a temporalidade do nascimento à fase adulta é a Psicologia do Desenvolvimento. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002).

A partir de observações, pesquisas com grupos de diferentes idades, culturas, contextos, acompanhamento de sujeitos do nascimento à fase adulta através do desenvolvimento de estudos longitudinais, foram formuladas diversas teorias do desenvolvimento humano. A maioria de desses estudos surgiram para responder a problemática de pesquisa acerca do como e por que o indivíduo se comporta diante de determinada situação, contexto e faixa etária. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002).

Isto é, estudos referentes ao desenvolvimento humano deixaram de ser pré-científico e especulativo e se tornou científico, principalmente pelo fato de que a Psicologia firmou-se como ciência a partir do século XX, com os estudos que procuraram desvendar a maneira de ver, pensar e entender o ser humano, seu comportamento e sua psiqué. Ressalta-se ainda que estudiosos obtiveram resultados em suas pesquisas que culminaram modelos teóricos intimamente relacionados aos estudos experimentais, empíricos. (ANDRADE; STADLER; PILLATI, 2009).

> À medida que estes estudos se estendiam à vida adulta, os cientistas do desenvolvimento começaram a se concentrar em como determinadas experiências, vinculadas a tempo e lugar, influenciam o rumo das vidas das pessoas. A amostra de Terman, por exemplo, chegou à idade adulta em 1930, durante a Grande Depressão; a amostra de Oakland, durante a Segunda Guerra Mundial; e a amostra de Berkeley, em torno de 1950, no boom do pós-guerra. O que significava ser uma criança em cada um desses

> períodos? Ser um adolescente? Tornar-se um adulto? As respostas diferem em aspectos importantes. (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2013).

O objetivo do presente trabalho está centrado em analisar os principais pontos e contrapontos das teorias do desenvolvimento freudiana e erikosiana, piagentina e vygotskyana, apontando suas contribuições. Além disso, estabelece como objetivo secundário analisar o comportamento de crianças com idade entre dois e onze anos de acordo com as perspectivas de freudiana e erikosiana. Constituem questões centrais norteadoras do estudo: - *Qual a relação/diferença entre as teorias do desenvolvimento humano?* - *Qual nível de desenvolvimento encontra-se as crianças pesquisadas no estudo?*

Sobre a estrutura do presente trabalho, este está dividido em quatro seções além do atual. A próxima seção versa sobre os diversos aspectos do desenvolvimento humano. Posteriormente é descrita a metodologia aplicada no estudo. A seção seguinte discorre sobre a apresentação dos dados e, na sequência, às discussões dos resultados. Por fim, destina-se na última seção às conclusões.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Desenvolvimento humano

Há certo consenso entre os pesquisadores no que tange as influências no desenvolvimento. Segundo eles, essas influências originam-se com a hereditariedade (aspecto biológico), o ambiente externo e a maturação. Já referindo-se aos aspectos contextuais, destacam-se: em primeiro grau a família, posterior e concomitantemente a cultura e etnicidade; condições socioeconômicas e bairro; influências normativas e não-normativas. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002; PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2013).

Segundo Papalia, Olds e Feldman (2013) contribuem com o estudo sobre desenvolvimento ao reunir informações de estudiosos e pesquisadores que afirmam que o desenvolvimento ocorre durante toda a vida, o que para os cientistas constitui como desenvolvimento do ciclo vital. As autoras referenciam Paul B. Baltes (1987) como cientista-destaque desses estudos, o qual identifica os princípios fundamentais de uma abordagem do desenvolvimento no ciclo vital: (a) o desenvolvimento é vitalício, ou seja, cada fase da vida é influenciado pela fase anterior e exerce influência na fase seguinte; (b) o desenvolvimento depende de história e contexto, isto é, os seres

humanos desenvolvem-se em um conjunto de circunstâncias ou condições, influenciando o ambiente, bem como é por ele influenciado, interagindo e/ou participando ou sendo responsável pelos processos de mudança; (c) o desenvolvimento é multidimensional e multidirecional, o que quer dizer que corresponde ao equilíbrio entre crescimento e declínio, entre outras palavras, os indivíduos ganham em determinado aspecto como vocabulário, experiências, conhecimentos e perdem em outro, como capacidade de resolução de problemas desconhecidos, habilidade físico-motor etc.

É válido frisar acerca da importância da escola no desenvolvimento infantil (primeira e segunda infância), visto que as necessidades das crianças nesta fase centram-se em brincadeiras, onde é explorado o aprendizado em cuidar de si mesmo, ou de ter iniciativas e de se comunicar. Além disso, as atividades lúdicas e sua frequência também influenciam no aprendizado e na fixação do conhecimento das crianças. A motivação em programas educativos deve ser acompanhada por sessões de reforço contínuo. (ARAÚJO et al, 2017).

Fadel, Alves e Fillus (2015) e Cardoso e Rodrigues (2016) acrescentam que estas atividades lúdicas são tidas como formas de atenção à criança, que possibilitam por meio de jogos e música, por exemplo, aproximar os profissionais da educação (docentes, por exemplo) e as crianças, como maneira de explorar o universo (ambiente que a circundam) e gerar/reter o conhecimento; atividades essas que constitui um meio facilitador do compartilhamento de informações e de motivação das crianças.

> O desenvolvimento humano refere-se ao desenvolvimento mental e ao crescimento orgânico. O desenvolvimento mental é uma construção contínua, que se caracteriza pelo aparecimento gradativo de estruturas mentais. Estas são formas de organização da atividade mental que se vão aperfeiçoando e solidificando até o momento em que todas elas, estando plenamente desenvolvidas, caracterizarão um estado de equilíbrio superior quanto aos aspectos da inteligência, vida afetiva e relações sociais. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002, p. 98).

A importância do estudo sobre o desenvolvimento humano se dá ao fato de permitir conhecer as características comuns de determinada faixa etária, no que diz respeito ao desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial, contribuindo para que se possam reconhecer as individualidades, contribuindo, por conseguinte, à obtenção de informações que permitam interpretar comportamentos e atitudes dos sujeitos. Entre outras palavras, representa a descoberta de que o indivíduo é produto da interação de diversos fatores; fatores estes já elucidados. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002).

Ainda sobre o desenvolvimento, Papalia, Olds, Feldman (2013) esclarecem que o desenvolvimento quanto à natureza é (1) passiva, de acordo com o modelo mecanicista, ou seja, são tidas como máquinas que reagem aos estímulos ambientais ou (2) ativa, de acordo com o modelo organísmico, ou seja, "(...)as pessoas são organismos ativos em crescimento que põem em marcha seu próprio desenvolvimento. Elas desencadeiam os eventos e não simplesmente reagem a eles (...)". (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2013, p. 66).

Sobre as teorias do desenvolvimento humano, destacam-se as abordagens do médico psicanalista Freud e do psicanalista Erikson, além do psicólogo suíço Jean Piaget (1896-1980) e do soviético Lev Semenovich Vygotsky (1896-1933).

Na perspectiva freudiana os estágios do desenvolvimento centram-se em cinco: (1) oral que é compreendida entre o nascimento aos 12-18 meses, e cuja principal fonte de prazer do bebê envolve atividades ligadas à boca (sugar e alimentar-se); (2) anal (12-18 meses aos 3 anos), na qual a criança obtém gratificação sensual retendo e expelindo as fezes; zona de gratificação é a região anal, e o abandono das fraldas é atividade importante; (3) fálico (3 a 6 anos), onde a criança torna-se apegada ao genitor do sexo oposto e posteriormente se identifica com genitor do mesmo sexo. Desenvolve-se o superego e a zona de gratificação transfere-se para região genital; (4) Latência (6 anos à puberdade) que é caracterizada como época relativamente calma entre fases mais turbulentas; (5) genital (puberdade à idade adulta), cuja caracterização é voltada ao ressurgimento dos impulsos sexuais da fase fálica, dirigidos à sexualidade adulta madura. (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2013).

Sobre o desenvolvimento infantil, destacou a importância do Outro na constituição do Eu, da individualidade.

> (...) a criança, ao nascer, é um ser indiferenciado do mundo e, à medida que encontra o desejo do outro, vai manifestando suas identificações, construindo seus ideais, suas defesas e seus alicerces. Entretanto, para que esse pequeno ser possa perceber-se como diferente da mãe, é preciso que ele mesmo reconheça que foi descolado dela, e isso só ocorre na medida em que esse Outro passa a existir internamente, ou seja, como referência, modelo subjetivo. Portanto, antes do Eu existe(m) o(s) Outro(s). (GODOI; CARGNIN; UCHÔA, 2017).

A crença básica da teoria freudiana sobre o desenvolvimento se restringiu no comportamento como sendo controlado por poderosos impulsos inconscientes. Sob a psicanálise, uma teoria sobre a psique humana individual, Freud atribui à fantasia, tão presente na criança nas primeiras fases

do seu desenvolvimento, um recurso crucial para a integridade da criança, para que ela consiga lidar com a realidade enfrentada (seja agradável ou desagradável, de acordo com a percepção do indivíduo). Tal fantasia é considerada como psiquismo da criança, empregada como um instrumento para dar significado a uma realidade incompreensível. Nesse sentido, a fantasia surge como uma proteção da mente, sendo um recurso ainda predominante no psiquismo infantil, uma tentativa de elaboração (GUIMARAES; KONDERA; PORTELA, 2018).

Godoi, Cargnin e Uchôa (2017), esclarecem acerca da importância da psicanálise como uma forma de pensar o sujeito, que é um ser complexo, dotado de dimensões racionais e irracionais. No caso das instituições, estas são importantes para construção do indivíduo, sobretudo, a escola que se constitui como espaço em que se atravessam pulsões, angústias, ideais, diferentes identidades e desejos e, acima de tudo, reconhece as estranhezas e suas impossibilidades.

Sobre os estágios do desenvolvimento psicossocial, defendido por Erikson, destaca-se oito, quais sejam: (1) confiança versus desconfiança, que é básica (nascimento aos 12-18 meses). Nesta fase o bebê desenvolve a ideia de se o mundo é um lugar bom e seguro; (2) autonomia versus vergonha e dúvida (12-18 meses aos 3 anos). A criança desenvolve um equilíbrio entre independência e autossuficiência, e vergonha e dúvida; (3) iniciativa versus culpa. (3 aos 6 onos), a qual a criança desenvolve iniciativa quando experimenta novas atividades e não é dominada pela culpa; (4) produtividade versus inferioridade (6 anos à puberdade). Criança deve aprender habilidades da cultura ou enfrentar sentimentos de incompetência; (5) identidade versus confusão de identidade (puberdade ao inicio da idade adulta). Adolescente deve determinar seu sentido pessoal de identidade ("Quem sou eu?") ou sentir confusão sobre papéis; (6) intimidade versus isolamento (idade adulta jovem). Pessoa procura formar compromissos com os outros; em caso de fracasso, pode sofrer de isolamento e auto absorção; (7) Geratividade versus estagnação (idade adulta). Adulto maduro preocupa-se em estabelecer e orientar a nova geração, ou então sente empobrecimento pessoal; e, por fim, (8) integridade versus desespero (idade adulta tardia). O idoso alcança a aceitação da própria vida, o que lhe permite aceitar a morte, ou então se desespera pela incapacidade de reviver a vida.

Já sobre o desenvolvimento humano de acordo com os postulados de Piaget e Vygotsky, discorre-se sobre as principais semelhanças e contradições.

Piaget, cuja corrente é positivista, tenta abordar e diferenciar a criança do adulto, utilizando mais métodos quantitativos do que qualitativos, em suas pesquisas. Sua teoria procura explicar de maneira pormenorizada todas as etapas do desenvolvimento humano, sobretudo o infantil, até os doze anos.

Para o célebre do desenvolvimento explica o desenvolvimento cognitivo da criança em quatro estágios: (1) o sensório motor: do nascimento aos 2 anos, o qual o bebê gradualmente se torna capaz de organizar atividades em relação ao ambiente por meio de atividade sensória e motora; (2) pré-operatório que compreende entre 2 a 7 anos, onde a criança desenvolve um sistema representacional e utiliza símbolos para representar pessoas, lugares e eventos. Linguagem e brincadeiras imaginativas são importantes manifestações desse estágio. O pensamento ainda não é lógico; (3) operações concretas que vai entre 7 e 11 anos, que é caracterizada pelo fato da criança poder resolver problemas logicamente quando eles enfocam o aqui e agora, mas não é capaz de pensar em termos abstratos e, por fim, (4) operações formais, cuja fase compreende dos 11 anos de idade até toda a idade adulta, onde a pessoa pode pensar em termos abstratos, lidar com situações hipotéticas e pensar sobre possibilidades (ANDRADE; STADLER; PILLATI, 2009; PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

Já na visão de Vygotsky o desenvolvimento das crianças se dá em três estágios, o primeiro é pela influência social, passando pela egocêntrica até atingir a interior que para o autor se constitui no pensamento reflexivo e abstrato. (ARANHA, 2016).

O pensamento de Vygotsky é concernente à corrente do construtivismo. Enquanto para Piaget o ponto chave das características da lógica da criança é o egocentrismo, para Vygotsky, resume-se na necessidade de se conceber o pensamento social, ignorado por Piaget durante a primeira fase da infância. (ANDRADE; STADLER; PILLATI, 2009). Corroborando com esse pensamento, Aranha (2016, p. 12) esclarece que “para Piaget o desenvolvimento da criança é biológico, enquanto Vygotsky entende que o conhecimento caminha do social para o individual, pois a criança nasce em um mundo social”.

> Essa falta do social na criança é o que leva essa pesquisa ser baseada na teoria histórico-cultural, pois quando observado, os dados e a pesquisa de campo, fica muito claro que a criança tem sim uma atividade social intensa, porque ela a todo o momento está partilhando com o outro, e embora esteja fazendo suas conjecturas internas, isso se torna mais evidente e sólido, quando discutido com colegas da mesma idade. (ANDRADE; STADLER; PILLATI, 2009, p. 814).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No que diz respeito aos procedimentos metodológicos, a pesquisa utilizou-se a abordagem qualitativa, fundamentada pelo estudo em que descreve e analisa uma situação à luz de teorias. Neste caso, se correlacionou com a percepção de alguns autores sobre as teorias do desenvolvimento humano, tendo as abordagens freudiana e erikisoniana como cernes do trabalho. Além disso, foram sinalizadas as abordagens de Piaget e Vygotsky.

Devido à subjetividade envolvida no tema do trabalho, optou-se pela realização de pesquisa de natureza qualitativa com abordagem de avaliação, o que permite aprofundamentos nos fenômenos estudados. Para Selltiz et al. (1987), a pesquisa de avaliação de processo busca respostas para perguntas do tipo “O que é?” e “Como funciona?”.

Quanto ao tipo de pesquisa, se caracteriza como sendo descritiva, vez que busca desvendar e observar fenômenos, procurando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los, passos esses utilizados para conhecer a sua natureza, composição e processos (RUDIO, 1986).

Foi realizado estudo de caso que permitiu compreender a dinâmica dos processos, envolvendo um diálogo entre os pesquisadores e a realidade estudada, vez que as pesquisas qualitativas e utilizam-se de estudos de caso para atingir seus objetivos.

Segundo Gil (2014) as fases do estudo de caso requerem a realização de uma pesquisa bibliográfica. Esta permitiu que se estabelecesse um modelo teórico inicial de referências, que auxiliou na determinação das variáveis e elaboração do plano geral da pesquisa.

Constituíram instrumentos de coleta de dados entrevistas semiestruturadas com os pais das crianças de até 11 anos, residentes e domiciliadas na cidade de Pelotas/RS. As entrevistas foram realizadas durante o mês de fevereiro de 2018. O estudo aconteceu com duas crianças, cuja seleção se deu por conveniência e acesso dos pesquisadores. O ambiente em que ocorreu a entrevista e observação foi isolado de interferências externas. Para tanto, optou-se, por parte dos pesquisadores, a realização da entrevista na residência das crianças, por entender constituir ambiente familiar, em que elas ficariam mais à vontade.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 Resultados

O presente trabalho consiste em observação de crianças de até 11 anos, com intuito de identificar e apontar os estágios de desenvolvimento infantil.

A identificação dos pais é R. S. e S. D. e de seus filhos do sexo masculino L. D. S. com 6 anos de idade e do sexo feminino J. D. S de 3 anos.

A mãe (S. D.) possui 40 anos e é administradora e especialista em Gestão de Recursos Humanos, atuando nesta área e o pai de 41 anos possui ensino médio, ambos em relacionamento há quinze anos.

A gestação do primeiro filho, L. D. S., ocorreu após nove anos do relacionamento do casal. A gestação foi planejada e a consulta ao ginecologista e obstetra aconteceu antes da concepção, para mitigar os riscos de problemas na gravidez, visto que S. D. possui problemas relacionados à distúrbios na tireoide. A gravidez transcorreu naturalmente, sem histórico de abortos anteriores, até que no último trimestre a obstetra identificou descolamento da placenta, o que acometeu na realização de parto prematuro de 34 semanas, via cesariana. Apesar do parto prematuro, L. D. S. não necessitou de internação ou intervenção cardiorrespiratória.

No que diz respeito à composição familiar L. D. S. reside com seus pais e sua irmã, J. D. S., com quem compartilha suas experiências e relações. Além desses membros, as crianças contam com a companhia do avô materno que desenvolve a função de cuidador durante o período da jornada de trabalho dos pais.

3.2 Discussão

No que diz respeito aos dados escolares o L. D. S. iniciou o período escolar aos 4 anos de idade e hoje, aos seis anos está na primeira série. No primeiro dia, relatou a mãe, a pequena criança não chorou e ficou “super animado” ao frequentar a escola. Nas reuniões promovidas pela instituição de ensino, sempre teve parecer positivo das professoras. Quanto ao relacionamento com colegas de classe é considerado bom e a professora nunca criticou ou relatou ocorrência negativa.

É válido relatar que antes de ingressar à escola o L. D. S. já sabia identificar as cores, as letras, o alfabeto e contar até 100, relatou a mãe, demonstrando orgulho ao recordar sobre o conhecimento pré-escolar do filho, informando que o conhecimento foi transmitido pelos membros da família. Na escola, a grande contribuição da escola sobre os novos saberes adquiridos pelo filho – afirmou a mãe – foi à descoberta das formas geométricas (quadrado, retângulo, círculo).

No entanto, no início do segundo ano, a criança começou a demonstrar apatia pela escola: não queria entrar na sala de aula e demonstrava comportamento avesso ao apresentado no primeiro ano escolar. Na investigação com a coordenação pedagógica e diretoria, observou que a didática e as dinâmicas empregadas pela professora (carência de brincadeiras lúdicas e ações que favorecessem a interação entre as crianças) não condiziam com as políticas e diretrizes da escola, o que repercutiu no desempenho dos outros alunos, o que resultou no afastamento da profissional de ensino. Após o episódio, o rendimento da criança voltou a evoluir, bem como o interesse pela escola foi retomado.

Já a irmã (J. D. S.) que possui 3 anos de idade ainda não frequenta a escola, não podendo ser alvo de avaliação sobre a fase escolar.

Tangenciando sobre as características comportamentais, a mãe descreve o pequeno L. D. S. como "elétrico", "falante" para expressar uma criança de fácil socialização com outras pessoas (crianças e adultas), agitada, ativa e comprometida com atividades criativas e que demandam esforço físico. Algumas destas características foram ratificadas na observação.

> Presta atenção em tudo! Tudo que ouve ele absorve... Gosta de planetas e se interessou depois de assistir séries e desenhos animados. Assiste e pesquisa no Google. É criativo. Cria robôs, casinhas com lego. Gosta de futebol e joga na escolinha duas vezes por semana. (S.D., a mãe).

Ao contrário do irmão, a J. D. S. é caracterizada pela mãe como "antissocial", apresentando dificuldade de socialização sobretudo com outras crianças de convívio fora do ambiente familiar. Sobre as atividades preferidas o L. D. S. gosta de jogar no celular, possui habilidade para "baixar" jogo (realizar *download*), tem como desenho preferido "Os Transforms" e programas televisivos que explore o conhecimento sobre planetas. Sua irmã, por sua vez prefere inventar brincadeiras, pintar, assistir vídeo no celular, dançar. Porém, "para de dançar se perceber que alguém está olhando", relatou a mãe e observou que a criança em alguns momentos demonstrou

comportamentos de “vergonha” e “timidez” também associada ao fato de demonstrar dificuldade na área de socialização.

Referindo-se ao relacionamento com os pais, o L. D. S. demonstrou-se respeitoso, ratificando a percepção e relato da mãe que complementou que a criança por vezes demonstra comportamento “dengoso”, “manhoso”, mas que já passou pela “fase” de se “jogar no chão”. Segundo a mãe, esta fase está alocada atualmente na irmã que tem demonstrado comportamento de agressividade, principalmente quando é contrariada.

No que diz respeito ao relacionamento entre irmãos, a mãe classifica como “entre tapas e beijos”, no entanto, ressalta que não há agressão, brigas. Informa ainda que apesar de alguns desentendimentos, eles demonstram carinho um pelo outro (através de alguns gestos como passar a mão no cabelo, abraços e beijos). Alguns desses foram observados durante a entrevista (toque leve e sorriso).

Sobre o relacionamento com colegas e amigos, o L. D. S. é sociável e gosta de conversar quando se aproxima de novas crianças. Contrariamente, a irmã, J. D. S. possui comportamento mais resistente. Segundo a mãe, diante de outras crianças fora do convívio familiar “até pode depois socializar, mas o amiguinho tem que insistir bastante”.

Das características clínicas relevantes o L. D. S. não apresenta nenhuma patologia que interfira ou influencie no desenvolvimento físico, motor e psíquico. Por sua vez, a J. D. S. ainda não possui sua fala desenvolvida. A mãe relata que possui o acompanhamento psicológico, de profissionais da neurologia e fonoaudiologia e algumas hipóteses foram descartadas: a criança ouve bem (não é surda-muda) e entende o que as pessoas falam ao interagir com ela; não possui autismo.

No que se refere ao desenvolvimento físico o Quadro 1 demonstra o desenvolvimento dos irmãos, por meio do apontamento da idade em que começou a engatinhar, a caminhar, falar e questões alimentares.

Quadro 1 – Desenvolvimento físico das crianças observadas

Idade em que começou a	L. D. S.	J. D. S.
Engatinhar	9 – 10 meses	9 – 10 meses
Caminhar	1 ano e 1 mês	1 ano e 8 meses
Falar	1 ano e 11 meses	Ainda não desenvolveu
Questões alimentares	Amamentou até os 6 meses	Amamentou até os 6 meses

Fonte: dados da pesquisa (2018).

Ambas as crianças começaram a engatinhar com a mesma idade, entre 9 e 10 meses. O curioso é que elas começaram a engatinhar com o "bumbum" no chão, diferentemente dos hábitos e comportamentos da maioria das crianças nessa idade.

As crianças começaram a caminhar com idades diferentes, o L. D. S começou com 1 ano e um mês e a J. D. S. começou com 1 ano e 8 meses, apesar de fazerem parte do mesmo contexto social e ambiente familiar e receber os mesmos estímulos.

Notou-se que a J. D. S. ainda não desenvolveu a fala, muito embora ela se comunica através de gestos com os pais e avô e para conseguir algum objeto ou alcançar algo, o faz dirigir até o objeto de desejo. Já o irmão, L. D. S. começou a fase fálica ao 1 ano e onze meses e suas primeiras palavras foram "aga", "papa", "mamãe" e "vovô".

No que diz respeito aos hábitos alimentares, a mãe explica que a amamentação com leite materno se deu até os seis meses para ambas as crianças. Para o L. D. S. a partir do sexto mês foi utilizada a fórmula industrial de leite e houve a inserção de alimentos sólidos. Até os 3 anos, a mãe relata que se alimentava de "tudo" (frutas, legumes, verduras). Depois desta idade passou a selecionar os alimentos: preferir os alimentos com maior teor de açúcar gordura. O mesmo aconteceu com a irmã que está iniciando a fase de selecionar os alimentos.

Segundo a caracterização dos pesquisados, em termos de desenvolvimento psicossocial, segundo a teoria de Erikson, infere-se as seguintes análises.

O L. D. S. se encontra na fase entre a (a) terceira e (b) quarta fases, as quais são caracterizadas como:

(a) Iniciativa *versus* Culpa – que é o período em que a criança passa a perceber as diferenças sexuais, os papéis desempenhados por mulheres e homens na sua cultura (conflito edipiano para Freud) entendendo de forma diferente o mundo que a cerca. Se a sua curiosidade "sexual" e intelectual, natural, for reprimida e castigada poderá desenvolver sentimento de culpa e diminuir sua iniciativa de explorar novas situações ou de buscar novos conhecimentos.

Contextualizando com a observação, notou-se que o L. D. S. consegue distinguir as diferenças sexuais, ao se dirigir com "o tio da rua", a "tia da escola", bem como "isso é coisa de menina"... Sobre o contexto de culpa, ao perceber, informa que não mais fará a ação que o acometeu advertência.

(b) Construtividade *versus* Inferioridade – fase está em que a criança está sendo alfabetizada e frequentando a escola, o que propicia o convívio com pessoas que não são seus familiares, o que exigirá maior sociabilização, trabalho em conjunto, cooperatividade, e outras habilidades necessárias. Caso tenha dificuldades o próprio grupo irá criticá-la, passando a viver a inferioridade em vez da construtividade.

No contexto da pesquisa, pelo relato da mãe, o L. D. S. possui espírito de cooperação com colegas de idade e de escola e não possui dificuldade de desenvolvimento de relacionamentos, "muito pelo contrário", aponta a mãe: as brincadeiras na escola de futebol têm contribuído para o desenvolvimento "desse espírito", ressaltou.

Já a pequena J. D. S. aloca-se na fase de Autonomia *versus* Vergonha e Dúvida, a qual, segundo Erickson consiste no período a criança passa a ter controle de suas necessidades fisiológicas e responder por sua higiene pessoal, o que dá a ela grande autonomia, confiança e liberdade para tentar novas coisas sem medo de errar. Se, no entanto, for criticada ou ridicularizada desenvolverá vergonha e dúvida quanto a sua capacidade de ser autônoma, provocando uma volta ao estágio anterior, ou seja, a dependência. Aponta-se no contexto que o desfralde não aconteceu ainda neste estágio, o que acarreta na percepção da mãe de demasiada dependência filha-mãe, desenvolvendo sentimento de culpa, está expressa em forma de choro e irritabilidade.

No que tange à abordagem psicossexual de Freud infere a seguinte análise: O L. D. S. enquadra-se na fase fálica, onde o foco principal da libido é sobre os órgãos genitais. Nessa idade, as crianças também começam a descobrir as diferenças entre machos e fêmeas.

Segundo Freud, ele também acreditava que os meninos começam a ver seus pais como rivais pelo afeto da mãe. O complexo de Édipo descreve esses sentimentos de querer possuir a mãe e o desejo de substituir o pai. No entanto, a criança também teme ser punida pelo pai por estes sentimentos, um medo que Freud denominou de angústia de castração. No contexto da pesquisa, a imagem paterna é transferida para o avô que se encontra mais presente que o pai biológico.

Por sua vez, a irmã, J. D. S. encontra-se, de acordo com a teoria freudiana na fase anal.

De acordo com Freud, o sucesso nesta fase é dependente da maneira com que os pais se aproximam no treinamento da toalete. Os pais que utilizam elogios e recompensas para usar o banheiro no momento oportuno incentivam resultados positivos e ajudam as crianças a se sentir capazes e produtivas. Freud acreditava que experiências positivas durante este estágio servem de base para que as pessoas tornem-se adultos competentes, produtivos e criativos.

Apesar de realizar incentivos, a pequena J. D. S. apresenta certa irritabilidade e apesar de quase sair dessa fase (devido sua faixa etária, segunda metade do terceiro ano), o desfralde não aconteceu.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi analisar o desenvolvimento infantil em crianças com idade de 02 a 11 anos. Os principais tópicos analisados por meio da observação e entrevista semiestruturada com os pais das crianças foram: desenvolvimento de relacionamentos (com colegas, amigos, irmãos, pais), características comportamentais, desempenho escolar, características clínicas, desenvolvimento físico e caracterização de acordo com as abordagens freudiana e ericksoniana.
De acordo com Araújo et al. (2017), o desenvolvimento humano deve levar consideração o processo ensino/aprendizagem, sobretudo em se tratando de crianças em fase escolar, cujas necessidades concentram-se em brincar, explorar e aprender a cuidar de si mesmas, ou mesmo de ter iniciativas e de se comunicar.

Notou-se que o desenvolvimento do L. D. S. está de acordo com o que a Literatura e as teorias de desenvolvimento abordam. Enquanto que a irmã, J. D. S. apesar de apesentar em sua maioria um desenvolvimento próximo do relatado, apresenta patologia ainda em fase de investigação, visto que ainda não apresenta desenvolvimento da linguagem (fase fálica) adequada para crianças de igual idade (3 anos), o que de certo modo acaba repercutindo no desenvolvimento e construções de relações interpessoais com outras crianças fora do convívio familiar.

Outro fato que merece destaque, sendo alvo de futura investigação é o desfralde da pequena J. D. S. que ainda não ocorreu, o que se pode associar a algum dos aspectos abordados pela teoria psicossexual de Freud. Ademais, segundo Erikson, comprometendo esta fase do desfralde, o que lhe conferiria autonomia e "liberdade", refletirá em dependência, vez que se desenvolveu a vergonha e dúvida quanto a sua capacidade de ser autônoma.

Sobre este, notou-se que ambas as crianças apresentam intimidade com os membros familiares (pai, mãe e avô materno), respeitando-os. Percebeu-se que a J. D. S. se identificou como avô, apresentando comportamentos que se aproximavam a ciúmes e na sua ausência, transfere este ciúme pelo irmão.

Por sua vez, o L. D. S. se identifica fortemente com a mãe, procurando chamar sua atenção, onde compartilha e confessa constantemente suas experiências na escola. A mãe relata que ainda há certa resistência, por parte do pequeno L. D. S. em compreender que sua mãe não irá abandoná-lo e que quando vai ao trabalho irá retornar. O sentimento observado é de medo de perda, o que se questiona em investigação mais acurada, a possibilidade de avaliar a construção do apego.

Quanto à compreensão de dualidade de sentimentos, o L. D. S. iniciou o período de compreensão de que é possível o indivíduo possuir dois sentimentos antagônicos. Isso foi observado quando ao sair, o avô convidou-o para acompanha-lo. Ao perceber que a mãe não iria acompanhar o avô, o pequeno L. D. S. diz que ele não pode sair, mas afirma que "igual amo o vovô, mas não vou sair agora". A mãe explicou o que o mesmo episódio ocorre com a irmã. Esclarece que ao brincar juntos, quando a irmã pede o brinquedo que não quer emprestar, ele fala para irmã que apesar de amá-la não irá emprestar.

No que diz respeito às abstrações e associações, o pequeno L. D. S. compreende parcialmente. Pelo relato da mãe, ela recordou episódio que o contrariou, o fato de insistir que a Lua era satélite. L. D. S. insistia que a Lua não era, pois não emitia sinais. Na sua compreensão satélites eram apenas ao corpo feito pelo Homem e colocado em órbita ao redor da Terra ou de qualquer outro corpo celeste, ou seja, seu entendimento se restringe ao satélite artificial. Portanto, a Lua não seria (em hipótese alguma) um satélite, na sua percepção.

Ainda sobre abstrações, o L. D. S. compreende algumas das figuras de linguagem e compreende que são ficção. Sabe por exemplo que "se mentir o nariz cresce" na verdade, o nariz não vai crescer e extrai da informação que mentir não é legal e não deve ser feito.

É importante frisar que o presente trabalho apresenta limitações de estudo, não podendo ser extrapolado pela delimitação proposta, por se tratar de um estudo de caso (método de pesquisa). Por se tratar de tema relevante, sugere-se, neste sentido a realização de estudos em profundidade considerando métodos de pesquisa tanto qualitativos quanto quantitativos sob amostras robustas e com abordagens mistas sobre desenvolvimento humano. É interessante obter amostras que venham representar as cinco regiões brasileiras com intuito de entender o panorama de desenvolvimento humano a nível nacional, visto que se observa grandes pesquisas sobre o tema considerando regiões/nações desenvolvidas, como é o caso dos países do norte da América e dos países europeus (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2013).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, P. M.; STADLER, R. C. L.; PILLATI, L. A. Pontos e contrapontos nas abordagens de Piaget e Vygotsky: Contribuições para a Educação Infantil. I Simpósio Nacional de Ensino de Ciência e Tecnologia. **Anais**... 2009.

ARANHA, E. A. **O desenvolvimento da linguagem e pensamento da criança na visão de Piaget e Vygotsky**. João Pessoa, Monografia, Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal da Paraíba, 2016.

ARAUJO, Silvana Marchiori et al. MOTIVAÇÃO DE HIGIENE BUCAL POR MEIO DE ATIVIDADES LÚDICAS. **Iniciação Científica Cesumar**, v. 19, n. 2, p. 111-117, 2017.

BOOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologia: uma introdução ao estudo da psicologia**. – 13. ed. reform. e ampl. – São Paulo: Saraiva, 2002.

CARDOSO, S. M. M.; RODRIGUES, A. P. Promoção da saúde a partir das demandas relacionadas à higiene e saúde na escola. **Revista de Ciência e Inovação, Santa Maria**, v. 1, n. 2, p. 93-104, 2016.

CORRÊA, C. R. G. L. A relação entre desenvolvimento humano e aprendizagem: perspectivas teóricas. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 21, n. 3, p. 379-386, 2017.

FADEL, C. B.; ALVES, F. B. T.; FILLUS, T. M. Gincana intelectual: instrumento de ação extensionista para educação em saúde. **Em Extensão**, Uberlândia, v. 14, n. 1, p. 106-115, 2015.

GIL, A C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2014.

GODOI, C. K.; CARGNIN, F. R. G.; UCHÔA, A. G. F. Manifestações Inconscientes na Relação Líder-Liderado: Contribuições da Teoria Psicanalítica aos Estudos Organizacionais. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 15, n. 3, p. 599-614, 2017.

GUIMARAES, Tiene; KONDERA, Jandyra Maria; PORTELA, Marcos Vinicius Zoreck. FANTASIAS INFANTIS: UMA ESCUTA PSICANALÍTICA NO HOSPITAL GERAL. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 50-60, Apr. 2018.

LA ROSA, Jorge (org). **Psicologia e Educação: O Significado do aprender**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. – Porto Alegre: Artmed, 2013.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis: Vozes, 1986.

SELLTIZ, Claire; WRIGHTSMAN, Laurence S.; COOK, Stuart. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. v.1. São Paulo: EPU, 1987.

SHAFFER, D. R. KIPP, K**. Psicologia do desenvolvimento:** infância e adolescência. São Paulo: Cengage Learning, 2012.